

EDUCAÇÃO

Uma nova escola pública está prestes a nascer. É o que afirma o secretário da Educação do Estado de São Paulo.

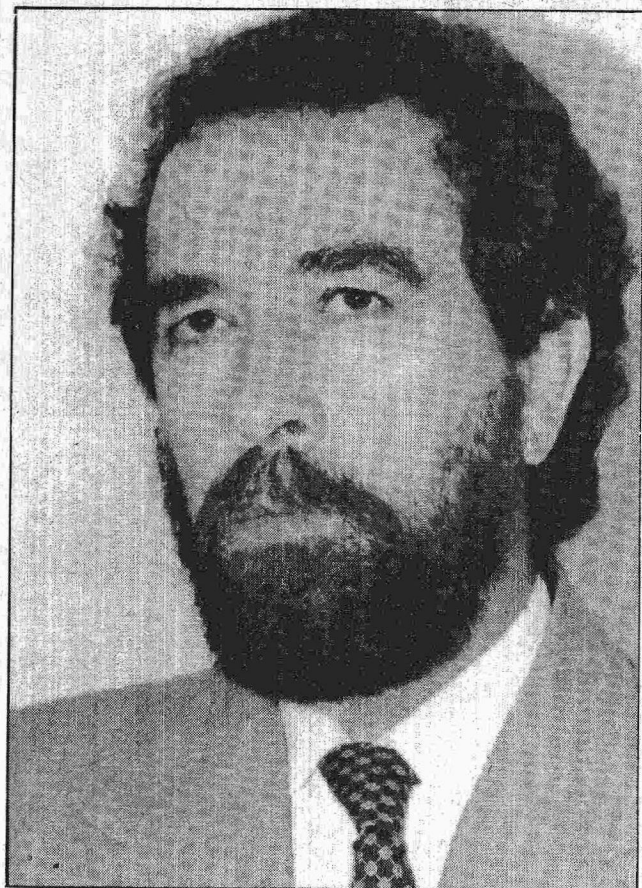
Em entrevista ao **Caderno de Sábado**, Fernando Morais fornece as linhas mestras do projeto Escola-padrão que será anunciado pelo Governo Fleury na próxima semana.

Entrevista a

HERMES RODRIGUES NERY,

SÉRGIO CARAJÓIAS e NEIDE BARBOSA DA COSTA

O QUADRO-NEGRO DA ESCOLA PÚBLICA



Fernando Morais:
"Infelizmente a Educação deixou de ser importante para a sociedade brasileira".

Como é possível conciliar atividade literária e atuação política?

O personagem central do meu próximo livro, o velho Assis Chateaubriand, costumava dizer que o que melhor distingue a vida dos seres humanos da vida dos animais é a variedade. É a possibilidade infinita que o ser humano tem diante de si, ao longo do tempo em que permanece neste mundo. Fiz do jornalismo minha profissão. Mas isso não me impediu de ser sindicalista, dirigente partidário, deputado, secretário de Estado da Cultura e da Educação e escritor. Há escritores que se recusam a botar uma assinatura num manifesto político, a aparecer num ato político. Não é o meu caso. Ao mesmo tempo, conheço também muitos políticos que não podem nem ouvir falar de literatura, de cultura, que puxam o revólver.

O que o levou a ser escritor?

Eu acho que a primeira influência foi a escola, a escola primária, em que eu fui bem alfabetizado. Se você não for bem alfabetizado, universidade depois não segura. Tive a sorte de ter feito uma boa escola pública. Depois, o fato de viver numa casa que, embora não fosse uma casa de intelectuais, ao contrário (meu pai era gerente de banco), era uma casa que tinha uma biblioteca fantástica. E, além disso, tive a sorte de ter um irmão mais velho, jornalista, um intelectual, que lia muito, assinava muitas publicações estrangeiras. Foi convivendo desde pequeno com o livro, com as letras... Isso contribuiu bastante.

Quais eram as suas leituras nessa época?

Tudo. Algum gênero de preferência? Filosofia, romance...

Romance.

Alguma leitura fundamental?

O **Encontro Marcado**, do Fernando Sabino, certamente um livro de que me lembro com muita força. Acho que isso marcou muito. E também o jornalismo cotidiano e a literatura de Graciliano Ramos, de Mark Twain...

A escola teve papel de destaque no seu encontro com a vocação literária. Além da alfabetização, em termos literários, em termos de política, a escola também teve um papel tão importante?

Sim. Teve. Me lembro que era estimulado a ler obras de boa qualidade; e prestar contas do livro lido (nada muito diferente do que se deveria ler hoje: Machado de Assis, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos...). Além de dar a ferramenta, a escola fazia usá-la, sabe? Você tinha que ler e escrever. A minha experiência me ensinou que a escola propicia a descoberta de vocações.

As oficinas culturais foram uma tentativa de recuperar isso?

Sim. Esse é o objetivo das oficinas culturais. Por que a gente implantou oficinas culturais pelo Estado inteiro? Pra quê? Pra tentar despertar a vocação para a música, a pintura, a literatura, o vídeo, a fotografia nas parcelas da população que não têm materialmente, economicamente, condições para isso. Então, no fundo, a oficina cultural é uma tentativa de ressurreição de algo que a escola pública dava antes.

A escola de hoje não tem conseguido situar o aluno nos problemas contemporâneos. O aluno sente a História como algo que já foi, que não lhe diz respeito. Não consegue entender que o conhecimento pode servir como repensar contínuo da condição humana, da sua própria condição, pode lhe dar rumos e sentido para a vida. E há a falta de recursos, a deficiência do currículo...

As oficinas culturais foram pensadas considerando tudo isso; como forma de resgatar a oportunidade de oferecer condições para que as pessoas possam se encontrar vocacionalmente e, a partir daí, pensar o mundo, ampliar suas potencialidades. Me lembro que não foi em aula de artes, mas de História, que fiz, talvez, a minha única experiência com teatro. Encenamos a **Inconfidência Mineira**. E fiz o papel de Joaquim Silvério dos Reis. Através da encenação aprendemos não apenas a história político-administrativa que está nos manuais, mas a história feita de paixões, de contradições, de sentimentos plurais. Aquela escola pública oferecia ao estudante uma gama maior de possibilidades, de forma que descobrisse suas vocações, de maneira mais consistente do que hoje. Certamente muito mais.

não, que tem possibilidade de ler um jornal, de ir a uma televisão, de dar uma entrevista, tirasse seus filhos da escola pública. Então a preocupação dos multiplicadores de opinião com a escola pública se modificou, passou a ser meramente intelectual.

Como?

Do mesmo jeito que você se preocupa com os curdos, os sérvios e os croatas, que estão se matando (evidente que isso toca, que a sua sensibilidade é afetada por isso); você desliga a televisão, janta, toma seu uísque, sua cerveja, vai dormir e pronto: esquece daquilo tudo. Não é um problema seu. Aquilo é um problema curdo, sérvio ou croata. Hoje a relação da classe média, especialmente a classe média brasileira, com a Educação é essa. Está todo mundo preocupado, mas...

Qual a solução para isso?

É necessário encontrar dirigentes públicos que tenham determinação, que resolvam encarar o problema. Mas isso é difícil. As pessoas estão convencidas de que a Educação não elege ninguém. Então é preciso ter muita coragem para investir pesado em Educação — coisa que esse governo está pretendendo fazer, mesmo sabendo que isso não dará resultado eleitoral.

E o papel da sociedade nesse processo?

A sociedade também está começando a perceber que se nada for feito em prol da Educação seremos degolados pela barbárie. As chamadas elites estão começando a entender que o desleixo com Educação leva a altas taxas de criminalidade. E os industriais estão percebendo que a mão-de-obra desqualificada enterra o Brasil nessa condição de país atrasado e é fruto de má Educação.

Daí a falência das instituições...

Chegamos a um tal grau de deterioração, de degradação, que não podemos ficar apenas no discurso. É necessário e urgente que tomemos atitudes. Corremos riscos muito sérios se nada for feito. Por isso, a Secretaria de Estado da Educação fez o projeto Escola-padrão, da mais alta importância, da maior urgência. É preciso que se entenda que uma nova escola está aparecendo, começando a aparecer agora, e que só vai oferecer resultado na geração seguinte, não na eleição seguinte.

Até que ponto o baixo nível educacional se reflete no resultado das urnas?

Nas pesquisas todo mundo se queixa que as pessoas não sabem votar. Por quê? Porque não sabem pensar. Porque não sabem ler. Não lêem jornal. São incapazes, além do que aparece na televisão, de se informar. Há uma preocupação generalizada com a educação. Mas esse interesse, por parte das elites, dos industriais que se dizem preocupados com o problema da Educação, não

é por generosidade, não é por desprendimento. É porque, de uma hora para outra, eles percebem que, se quiserem continuar vivendo neste País, sem medo de serem degolados na vida pública, vão ter de dividir com o Estado a responsabilidade com a Educação.

Sem Educação há futuro para o Brasil?

Se os 30 bilhões de dólares desperdiçados nas usinas nucleares de Angra dos Reis tivessem sido aplicados na Educação, talvez o Brasil já tivesse comprado sua passagem para o Primeiro Mundo.

Então a prioridade nacional deve ser a Educação?

Hoje estamos discutindo parlamentarismo, presidencialismo, ou até Monarquia, como querem alguns... Isso é muito saudável. É próprio da democracia. Acho bom que o País discuta. Agora, se nós não resolvermos já o problema da Educação, não importa se o Brasil vai ser parlamentarista ou presidencialista, capitalista ou socialista. Não será civilizado.

A Educação pode mudar a sociedade?

Não tenho nenhuma dúvida. Outra coisa: dinheiro não é o único problema. É importante, mas também há outras coisas...

Quais?

Determinação política é a principal delas. A Secretaria do Estado da Educação tem um projeto de reformas profundas. O projeto Escola-padrão, elaborado por 100 pessoas, metade da rede pública, metade da comunidade.

Qual foi o critério de escolha dessas pessoas?

Experiência acumulada na preocupação com Educação pública.

E o resultado do trabalho?

Bem, foram quatro meses de trabalho em 13 áreas críticas, determinadas a partir de diagnósticos feitos pelas Universidades públicas; por partidos políticos, por organizações não governamentais, por grupos da sociedade... Juntamos os dados, tabulamos e identificamos as preocupações comuns a todas as áreas. Em cima dessas preocupações é que começou o trabalho. Muito bem. Deste trabalho saiu o desenho, o perfil, de uma escola (eu não vou chamar de escola-modelo, nem de escola-ideal) com padrão diferente de qualidade.

Que perfil é esse?

Um perfil que vai desde o aspecto físico da escola até as transformações pedagógicas mais profundas.

As escolas serão padronizadas?

Não. Nada disso. As escolas de São Paulo não serão padronizadas. Nem terão a mesma cara. Estamos falando em padrão de qualidade.

E o que se pretende fazer para melhorar o padrão de qualidade?

A primeira meta estabelecida pelo plano de reformas é a ampliação substancial do tempo de permanência da criança na escola. Isto obriga automaticamente a quê? A ter escolas com, no

máximo, três turnos, como sempre foi. Se vocês andarem por aí, vão encontrar aqui na região metropolitana escolas com até sete turnos. É um absurdo!

E aumentar a permanência do aluno na sala de aula é suficiente?

Claro que não. Primeiro, estão programados 15 centros de formação, capacitação e atualização de professores. Um grande centro aqui na Capital, para atender a região metropolitana, e 14 espalhados nas capitais das regiões administrativas, para que os professores possam se deslocar até os centros. Segundo, uma rede de ensino gigantesca como a nossa, com cerca de 6 milhões de crianças, 300 mil funcionários, necessita de meios eletrônicos de comunicação. E o presidente da República já se comprometeu com o Estado. Até o final do ano a Secretaria de Estado da Educação terá um canal de satélite e um canal de UHF para capacitação de professores e apoio pedagógico. Nada substitui o professor. No entanto, é necessário melhorar seu desempenho.

Como será a avaliação das escolas-padrão?

Absolutamente tudo o que acontece nessa rede chega à Secretaria e, por consequência, ao meu conhecimento. Um dos pilares da reforma é dar às escolas-padrão autonomia — o que não significa entregar a escola à sua própria sorte. O Estado não vai abdicar da responsabilidade de controlar a qualidade do serviço prestado. Um exemplo de autonomia: quem melhor deve saber como pode ser administrado o laboratório de química na EESG Profº Augusto Meirelles Reis Filho são os professores, a direção e a comunidade do Meirelles. Portanto, eles é que devem encontrar a melhor maneira de administrar o seu laboratório, dentro da sua realidade, bem diferente de qualquer outra escola em todo o Estado de São Paulo. Há também uma proposta de gestão diferente, feita com contrato e tudo.

Como irá funcionar?

Pais, professores, diretores de escola, juntos, definirão as metas para o ano. Feito isso, cada escola solicita a quantia de dinheiro necessária à viabilização das metas. A Secretaria se compromete a repassar os recursos, mas cada escola terá que assinar um contrato. E cumpri-lo. E não é só isso: alunos e escola serão permanentemente avaliados. Assim, o projeto Escola-padrão é uma via de mão dupla. É só a colaboração escola-pública — comunidade permitirá a implantação dessas reformas, de modo a garantir a educação desta e das gerações futuras. O futuro de São Paulo e do Brasil passa, necessariamente, por uma nova escola pública.

Sérgio Carajóias e Neide Barbosa da Costa
são professores secundaristas



Nova escola pública: são necessárias melhores condições físicas



Gerações futuras: de sua educação depende a passagem do Brasil para o Primeiro Mundo.